

Proletários de todos os Países: UNI-VOS



Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

A UNIDADE DA CLASSE OPERÁRIA É UMA NECESSIDADE HISTÓRICA

Um velho dirigente socialista da Bélgica, Camilo Huysmans, declarou há tempos: «*en quero ajudar com todas as minhas forças ao restabelecimento na Europa da unidade da classe operária. É urgente fazê-lo, se queremos salvar a democracia no Mundo. Chegou o tempo de reunir de novo todas as correntes da classe operária. E isto não é um sonho. É possível fazê-lo rapidamente.*»

De facto, a classe operária tem um papel cada vez mais decisivo a representar na evolução dos acontecimentos históricos dos nossos dias. É a classe operária a mais consequente e mais ardente defensora da paz, da democracia e da independência dos povos, é ela que segura nas suas mãos, levantando-o cada vez mais alto, o facto luminoso do progresso.

É a classe operária a classe que detem o poder e dirige os destinos dos povos dos países do imenso campo socialista, o qual abarca no seu seio mais de um terço de toda a população da Terra.

Em todos os acontecimentos políticos, em qualquer país do Mundo, depende em primeiro lugar da unidade, força e combatividade da classe operária nesse país, que esses acontecimentos evoluam num sentido favorável à paz e à democracia. A classe operária da França, da Itália e da Inglaterra, defendendo numa unidade de acção cada vez mais larga a causa da paz e as conquistas da democracia nos seus países, por esse mesmo facto, tem dos mais sólidos estímulos da manutenção da paz e defesa da democracia na Europa e no Mundo.

A unidade da classe operária é a mais sólida garantia da defesa dos interesses dos trabalhadores. Unidos e organizados nos Sindicatos e nas empresas, os trabalhadores defendem aí os seus interesses e conseguem desta forma melhorar as suas condições de vida.

A unidade da classe operária força de vanguarda da unidade anti-salazarista

A unidade das forças democráticas portuguesas, a unidade de acção de todas as

correntes anti-salazaristas num poderoso movimento contra o governo de Salazar, terá naturalmente a impulsão-la e a organizá-la a classe operária, como classe mais numerosa, mais combativa e mais consequente na luta democrática.

Sem a actuação da classe operária e das outras classes trabalhadoras nas Comissões Promotoras do Voto, Recenseadoras e Eleitorais e a sua participação massiva na próxima campanha eleitoral e nas eleições para deputados de Novembro deste ano, não se conseguirá dar a esse acto a força e vitalidade necessárias para que com ele se possam alcançar êxitos importantes.

A classe operária portuguesa em poderosas greves de dezenas de milhares de trabalhadores, em milhares de pequenas lutas constantes por pão e trabalho, em acções massivas quando dos movimentos de unidade democrática de 1945 e de 1949, evidenciou já a sua combatividade frente ao Governo, mostrou bem claramente o seu ardente amor à democracia e à paz e desejo de libertação nacional.

QUE SEJA CONCEDIDA UMA AMPLA AMNISTIA!

O deputado Dr. Pinto Berriga tornou a pedir ao Governo, na sua intervenção de 27 do corrente na Assembleia Nacional, a concessão de uma ampla amnistia por ocasião da Páscoa.

Muitos famílias portuguesas passaram mais uma Páscoa privadas da presença dos seus entes queridos. Impõe-se, portanto, que, para além desta quadra festiva, a luta continue.

Redobremos os nossos esforços, fazendo

representações junto dos deputados para que eles se pronunciem por uma ampla amnistia a todos os presos políticos, como já fez o seu colega Dr. Pinto Berriga.

As famílias dos presos e aos seus amigos pessoais cabe, como é natural, um papel decisivo na elaboração de abaixo-assinados que recolham milhares de assinaturas.

Nas localidades donde os presos são naturais, a população estará pronta a colaborar na luta por uma ampla amnistia para os seus conterrâneos presos, homens honrados e valentes patriotas que merecem a sua estima e respeito.

SENHORES OFICIAIS: OS SOLDADOS TAMBÉM SÃO HOMENS!

É já do conhecimento geral os maus tratos de que são vítimas os soldados nos quartéis. A comida é pouca e mal feita e muitos oficiais falam sempre com três pedras na mão e castigam a torto e a direito, são brutais e desumanos. Como se o soldado fosse um ser sem personalidade!

Ainda há pouco no quartel de Vendas Novas, um soldado deu uma queda, ficando gravemente ferido. Pois o capitão médico disse-lhe que o ele tinha era sorte e recomendou-se a tratá-lo. Daí a umas horas o pobre rapaz teve que ser levado em braços para a enfermaria onde esteve dois dias sem tratamento. Transferiram-no depois para o Hospital Militar onde morreu. Soldados! Vós sois homens e como homens deveis exigir que vos tratem!

Os operários portugueses estão historicamente unidos pelos sofrimentos comuns no trabalho, pela mesma exploração e pela mesma miséria; não podem ser um estorvo à sua unidade de acção contra o governo fascista nem a sua religião, nem as suas ideias pífias. Une-os, poderosamente, a sua condição de proletários.

Esta realidade de classe deve levar os operários comunistas a esforçarem-se por estabelecer sólidos laços de unidade de acção com os seus camaradas católicos, socialistas e anarquistas dentro das empresas, oficinas, nos Sindicatos e nos bairros e ruas, pois ante os acontecimentos políticos só a unidade organizada de classe operária conta e tem força bastante para lhe assegurar a defesa dos seus interesses e aspirações.

As condições precisas para uma forte unidade de acção de toda a classe operária, sem distinção de crenças religiosas ou ideias políticas, estão criadas em Portugal. Essas condições assentam, fundamen-

(continua na 2.ª pág.)

AGRAVA-SE A CRISE NA INDÚSTRIA TÊXTIL

Como o «Avante!» vem alertando desde há meses, a indústria têxtil vive uma das suas maiores crises. A própria imprensa diária se faz eco da dita situação.

O jornal «O Século» de 3 de Abril lança mais um grito de alarme, classificando de pavorosa a crise em que se debate a indústria têxtil no Norte e em particular no Porto.

«De ano para ano a situação tem-se agravado a tal ponto que não será forçar a nota o afirmar-se que em muitos casos se excedeu já a capacidade de resistência, depois de esgotados todos os processos a que se podia recorrer para alongar a sobrevivência.»

No Porto, a fábrica dos «Inglêses» acaba de encerrar definitivamente, afirmando para a miséria e o desemprego 1.500 operários. Outras fábricas, segundo ainda a mesma notícia, não têm já forças para se aguentar mais um ano. São novos milhares de tra-

hadores ante a perspectiva do desemprego e capitais no valor de centenas de milhares de contos que vêem comprometida a sua aplicação.

Em face desta alarmante situação que tantos protestos está a levantar, que faz o Governo? Que medidas toma para socorrer os trabalhadores atingidos para a miséria e o desemprego? Quais as perspectivas que oferece à indústria para a solução desta gravíssima crise?

Irá o Governo diminuir as despesas militares que se elevam a mais de 2 milhões de contos por ano, para auxiliar os trabalhadores e acudir à grave situação da indústria têxtil? Irá o Governo tomar medidas, aumentando o poder de compra do nosso povo, além de que este se possa vestir com umido uma boa parte da produção da indústria têxtil? Serão desta vez abolidas as discriminações no comércio com o vasto

mercado do campo socialista (União Soviética, República Popular da China e países de Democracia Popular), onde tantos produtos portugueses podiam ser vendidos com vantagem para a nossa economia?

Algumas destas interrogações são outras tantas soluções que poderiam resolver o grave problema da indústria têxtil. Será mesmo possível levar o Governo a pôr em prática algumas delas se os industriais se unirem para reclamar do Governo tais medidas.

A acção dos milhares de operários têxteis, desempregados ou sob a ameaça de desemprego, reclamando, junto dos seus sindicatos, INT e ministro das Corporações, medidas para resolver a sua situação, pode ser também decisiva. Operários e industriais têm neste problema interesses comuns. Os seus esforços unidos poderão forçar o Governo a tomar as medidas que se impõem para solucionar a crise.

TEM RAZÃO O ENG.º DANIEL BARBOSA AO AFIRMAR:

MELHORES SALÁRIOS E VENCIMENTOS PARA QUE HAJA MAIOR PODER DE COMPRA

O aviso-prévio do deputado Daniel Barbosa, sobre o problema económico português, aponta muito justamente a situação de miséria em que vive o povo, a crise em que se debate o comércio e a indústria não monopolizada. As conclusões que se tiram desta intervenção falam só por si. Demos a palavra ao eng.º Daniel Barbosa:

«A primeira conclusão é a de que, pelo que respeita aos alimentos essenciais e mais pobres, houve um agravamento no seu custo de 1939 para 1955 da ordem dos 150 por cento. (Nesses alimentos não se incluem os ovos, a manteiga, o queijo, o peixe fresco, nem as frutas, e o custo da carne computa-se em 20\$00 o quilo.)»

«Uma família composta de pai, mãe e 2 a 3 filhos precisava, em 1939, de 14\$00 diários só para uma alimentação pobre e desequilibrada; em 1955, para comprar os mesmos alimentos, essa mesma família precisa de 35\$00 diários. Para uma alimentação um pouco melhor, precisava de 40\$00, pelo menos. Tudo isto sem incluir os temperos e o combustível gastos na preparação da comida. Teríamos sempre, portanto, de dobrar, pelo menos, os proventos de 1939 para nos mantermos numa equivalência de situação.»

«O mínimo ideal para que um agregado familiar de 4 pessoas se pudessem manter, num meio como Lisboa ou Porto, seria o de um provento mensal de 3 000\$00.»

Essas conclusões do Eng.º Daniel Barbosa, que correspondem inteiramente à verdade,

dizem-nos bem da vida de negra miséria dos trabalhadores portugueses. Efectivamente, qual é o salário da maioria dos operários, quanto ganham os assalariados agrícolas e, mesmo, qual é o rendimento dos pequenos agricultores? Toda a gente sabe que ficam muito longe dos 35\$00. Isto é só para alimentação. E dinheiro para se vestirem, calçarem e para a renda de casa? E a situação angustiosa dos desempregados que não têm donde lhes venha nem um tostão?

Mover de fome, andar esfarrapados e viver em bairros de lata é para o que dão os actuais salários dos trabalhadores portugueses.

Mais adiante, o deputado Daniel Barbosa, desmentindo com toda a justiça que Portugal é um país pobre, atribui-lhe o apregoado pelo salazarismo, afirma:

«... continua a impôr-se a conclusão de uma acção persistente e viva para melhoria da situação em que ainda se encontra uma grande parte da população portuguesa; CONCLUSÃO QUE ALIÁS SE PODE TIRAR TRANQUILAMENTE EM FACE DAS POSSIBILIDADES QUE O NOSSO TERRITÓRIO OFERECE NAS CONDIÇÕES ACTUAIS DA TÉCNICA E DA CIÊNCIA.»

Considerando como natural e justa a luta do povo português pela melhoria das suas condições de vida, o autor do aviso-prévio pergunta:

Que crítica pode merecer o desejo de um chefe de família em querer obter para seus filhos possibilidades capazes de alimen-

tação, de vida social e de educação, que vê acessíveis aos outros, quantas vezes com menos sacrifício de saúde e de trabalho?

O engenheiro Daniel Barbosa, representante da grande indústria, onde, como é sabido, levra já o descontentamento e a oposição à política económica salazarista, refere-se assim ao marasmo da economia nacional e às suas causas:

«Sem mercados não há produção que subsista ao fim de certo tempo, que não seja mediante artificialismos que, ao fim e ao cabo, a oneram e, consequentemente, oneram também o País.»

«É sempre o nosso sub-consumo, que pode classificar-se de decepcionante, consequência imediata e próxima do fraco poder de compra da população portuguesa, a causa próxima, também, de todo este ciclo vicioso de onde é preciso sair...»

«Tudo quanto se faça para equilibrar devidamente a balança do nosso comércio externo, tudo quanto procure defender a estrutura e os saldos da nossa balança de pagamentos, não resolve aquela angustiosa situação se não fizermos alguma coisa mais para adaptar o custo da produção ao poder de compra dos portugueses em geral.»

«O caminho está, como é evidente, numa imediata, judiciosa e profunda reorganização da produção de modo a criar, PELO AUMENTO CONSEQUENTE DE SALÁRIOS E VENCIMENTOS, UM MAIOR PODER DE COMPRA.»

Estas afirmações do deputado Daniel Barbosa são por si só tão esclarecedoras do panorama económico português, que nos dispensamos de comentários. São esclarecedoras e justas e merecem o apoio de todas as pessoas que desejam uma mudança de situação.

Por outro lado, estas afirmações mostram que o Partido Comunista Português não está só a apontar, desde há muito, as causas e consequências da política económica do Governo salazarista, ao defender aumento de salários e vencimentos para que aumente o poder de compra do povo, ao defender a estabilidade e a conquista de novos mercados através da liberdade de comércio com todos os países. Homens que têm apoiado a actual situação política, como o deputado Daniel Barbosa, vêm hoje juntar a sua voz à voz do Partido Comunista.

JORNADAS DE LUTA DA CLASSE OPERÁRIA

— HÁ DEZ ANOS —

FIZERAM GREVE 20.000 OPERÁRIOS DE LISBOA

No dia 7 de Abril de 1947, após terem esgotado outras formas de luta, tais como representações ao patronato e ao Governo, concentrações nas empresas, etc., lançaram-se na greve cerca de 6.000 operários das Construções Navais de Lisboa. Esta importante luta que tinha como objectivo a conquista dum aumento de salários, o barateamento do custo de vida e o aparecimento de géneros, cujo escassez se fazia sentir, teve a apóia-la mais de 14 mil operários de dezenas de outras empresas de Lisboa que se lançaram também na greve.

Durou 21 dias esta greve, a despeito da feroz repressão com que foi reprimida pelo salazarismo, tendo trazido importantes vantagens aos operários e a toda a população de Lisboa. Os géneros apareceram, o aumento do custo de vida foi então suscitado e, um pouco mais tarde, o Governo foi obrigado a permitir o aumento de salários.

A dez anos de distância, esta importante luta dos operários de Lisboa, que culminou na greve, é um brilhante exemplo para toda a classe operária portuguesa no momento em que a sua situação está de novo a agravar-se por todo o país com o constante aumento do custo de vida.

— HÁ 32 ANOS —

GREVE GERAL DOS OPERÁRIOS DE LISBOA

No dia 7 de Abril de 1925 é proclamada a greve geral em Lisboa como protesto contra as prisões por questões sociais, então verificadas. Esta greve, numa época já recuada, teve a caracterizá-la o facto de então a classe operária beneficiar de um direito que o regime fascista lhe arrancou posteriormente — o reconhecimento oficial do direito à greve.

Os milhares de pequenas e grandes lutas, incluindo greves, que desde então se têm verificado em todo o país, demonstram que os trabalhadores não reconhecem aos salazaristas o terem-nos privado do direito à greve e que continuam na disposição de fazer uso desta arma a despeito da repressão fascista.

O COMÉRCIO DE LISBOA CONTRA O CORPORATIVISMO

A acção asfixiante dos Grémios, das Juntas e de outros organismos burocráticos corporativos na vida económica de Nação foi severamente criticada na assembleia geral da Associação Comercial de Lisboa de 27 de Março. Foi o primeiro que os Grémios tendem cada vez mais a absorver a actividade comercial e a exercer funções que são as do comércio, nos vários ramos, tais como os da batata, adubos, sementes, etc. Foi dito que os grémios tomavam parte na distribuição da batata de semente, o que o comércio tem suportado em silêncio. «Como se não bastasse, pretendem agora ser

os únicos importadores, como se portura as coisas burocratizadas não tivessem sido sempre entre nós muito obrigatórias.»

O comércio, que paga pesadíssimas contribuições a que luta cada vez com mais dificuldades para viver dado a diminuição constante do volume de negócios devido aos baixos salários, miséria e desemprego com que se debatem a imensa maioria das famílias dos trabalhadores, levanta justamente o seu protesto contra a concorrência monopolista asfixiante da organização corporativa.



CRÓNICA INTERNACIONAL

a conferência das Bermudas

— UMA CONSPIRATA CONTRA A PAZ —

A conferência realizada nas Bermudas, entre o presidente dos Estados Unidos, Eisenhower e o chefe do governo inglês, Mac Millan, é mais um passo dos imperialistas no caminho de novas aventuras agressivas, tais como a fracassada agressão ao Egipto e o malogrado golpe fascista na Hungria. Esta conferência contribuiu para o aumento da tensão internacional, cria novos perigos de guerra e promove a intensificação da corrida aos armamentos atómicos.

A conferência das Bermudas, segundo se a proclamação da «doutorina Eisenhower» para o Próximo e Médio Oriente, constitui uma tentativa das duas principais potências imperialistas para eliminar as consequências dos choques e contradições que minam a sua política, a fim de encontrarem a forma de continuar a manter o domínio colonialista sobre as riquezas dos povos árabes e a interferir nos problemas desses e outros países. A adesão dos Estados Unidos ao agressivo Pacto de Bagdad, assim como o apoio aberto aos pontos de vista da Inglaterra, França e Israel acerca da questão do Suez, traduz uma nova ameaça ao Egipto, pois de novo em risco a segurança e a Paz no Oriente Próximo e Médio Oriente, isto apesar de nas Bermudas terem subsistido importantes divergências entre os E. Unidos e a Inglaterra, e desta aparecer cada vez mais numa posição subalterna em relação aos americanos.

A nova ameaça à Paz que se desenha nessa região, onde o Estado de Israel, manobrado pelos imperialistas, continua a desempenhar um papel provocatório, levou a União Soviética, com grande regozijo dos povos árabes e de todos os que amam a Paz, a dirigir um solene aviso aos belicócos dirigentes de Israel e aos seus instigadores imperialistas, advertindo-os de que uma nova agressão aos povos árabes teria as mais sérias e funestas consequências para os eventuais agressores.

Nas Bermudas foi planeada a guerra atómica

A Conferência das Bermudas pretende concluir que um dos motivos do fracasso da agressão ao Egipto, em Novembro passado, foi a ausência de armas atómicas nas mãos dos agressores. Sendo assim, poderá perguntar-se: O facto de Eisenhower ter concordado, nas Bermudas, em fornecer agora aos seus parceres da NATO foguetes atómicos e outras armas teleguidadas,

além de aderir ao Pacto de Bagdad, não será por si próprio uma confissão do apoio dos Estados Unidos aos agressores do Egipto e da sua conivência nessa agressão? Não será ainda um estímulo e uma ajuda aos agressores para se lançarem em novas aventuras? Estes factos identificam agora inteiramente a política imperialista dos Estados Unidos com o objectivo da política colonialista dos ingleses e franceses.

Por isso, a opinião pública e os governos do Egipto, Síria, Jordânia e outros países, acolheram com simpatia e alívio a advertência soviética aos eventuais agressores. Os povos árabes vêem dia a dia mais claramente quem são os seus inimigos e quem são os seus amigos.

As bases atómicas americanas de agressão ameaçam os povos

As bases atómicas de agressão instaladas pelos americanos à volta do território da URSS constituem um terrível perigo, em primeiro lugar, para os povos dos países onde estão instaladas. Este solene aviso está a ser dirigido pela União Soviética aos governos e povos da Europa onde se situam tais bases. As mensagens dirigidas pelo chefe do governo Soviético, Bulganine, aos governos da Noruega e da Dinamarca, são disso um exemplo. Nessas mensagens, Bulganine diz que «os soviéticos não desejam de forma alguma que a URSS ou qualquer outro país sejam vítimas dum bombardeamento atómico. Mas ninguém pode negar à União Soviética, como a qualquer outro país, o direito à auto-defesa. O governo soviético não cumpriria o seu dever perante o seu povo se não tomasse medidas imediatas para vibrar um golpe irrazoável no agressor e nas bases militares criadas para atacar a União Soviética».

Ao criar bases atómicas em países estrangeiros, os imperialistas americanos tentam desviar do seu território os efeitos do principal golpe atómico de defesa contra a agressão, fazendo sofrer aos povos desses países as terríveis consequências da sua política imperialista. Isto que é uma verdade não basta para deixar impune um eventual agressor. Como declaramos recentemente os dirigentes soviéticos, os poderosos meios de que dispõe a URSS no terreno das armas nucleares são hoje capazes de descobrir e castigar os agressores em qualquer parte do globo onde eles se escondam.

SÓ A LUTA CONDUZ À VITÓRIA!

Os trabalhadores não podem alimentar-se e aos seus filhos com as promessas do patronato e do Governo. A cada dia que passa, eles sentem que a luta é o único caminho como meio de alcançar uma melhoria das suas condições de vida. Eles desencadeiam pequenas e grandes lutas pelas suas reivindicações vitais.

Na FABRICA DE PRODUTOS ESTRELA, o patrão roubava os operários nos descontos para a Caixa de Previdência. Os trabalhadores, indignados, puseram-se em greve, exigindo que essa situação seja resolvida.

Na Nacional de Vidros (MARINHA GRANDE), alguns polidores e um ponteleiro conseguiram aumentos de salários de 300 e 750.

Na VIMA (Marinha Grande), o pessoal do forno concentrou-se e impediu que fossem reduzidos os dias de trabalho de 5 para 4.

Os operários da Fábrica de Papel de ABE-LHEIRA, depois da greve de 4 de Fevereiro, continuam a lutar, fazendo «ceras».

Em ALPIARCA, um grupo de 30 camponeses, que fez praça, conseguiu alcançar o salário de 48500, embora a GNR rondasse sempre por ali.

Os operários da COVINA e da EVINEL recusaram-se a trabalhar para descontar o feriado que a empresa tinha dado quando da visita da rainha Isabel. É este um belo exemplo para os operários da Fábrica de Louça de SACAYEM que os patrões ingleses obrigaram a trabalhar para compensar o feriado que, além do mais, tinha sido concedido por esses próprios exploradores.

Estes exemplos demonstram que só a uni-

Consequente com a sua política de Paz e de coexistência pacífica com todos os povos, a União Soviética, ao mesmo tempo que dirige este aviso aos conspiradores contra a Paz e a todos os que a eles se associam, formula propostas concretas para a limitação e fiscalização dos armamentos e para uma eventual proibição do fabrico e utilização das armas atómicas. Este aspecto inalterável da política de paz da URSS que embarga os imperialistas, merece a simpatia e o apoio da opinião pública internacional.

As resoluções da conferência das Bermudas são um factor de aumento da tensão internacional e de ameaça à Paz e à segurança dos povos. O povo português não pode ficar indiferente aos perigos que daí resultam. As bases americanas instaladas no nosso território fazem pesar sobre o nosso povo uma terrível ameaça. Importa, por isso, juntar a nossa voz à voz de todos os povos amantes da Paz para reclamar a desmontagem das bases atómicas de agressão, a redução dos armamentos e a proibição das experiências com as armas atómicas e de hidrogénio.

dade e firmeza dos operários são garantias de vitória.

Não há liberdades sindicais, as forças repressivas caem em cheio sobre os trabalhadores em luta por melhores condições de vida. Têm então os trabalhadores de ficar de braços cruzados? A experiência do dia a dia diz-nos que, apesar de tudo, os operários são capazes de conseguir romper essas dificuldades e errancar importantes vitórias, ajustando as formas de luta a cada caso concreto da sua empresa; através de pequenas paralizações de trabalho, fazendo «ceras» por uma ou duas semanas, alternando estas e outras formas de luta, como concentrações massivas junto do patronato, no Sindicato, etc., recorrendo resolutamente à greve quando as condições o indicarem.

É preciso que os operários se não deixem intimidar com os maneios desmoralizadores e repressivos do patronato e do Governo. É preciso que se não deixem enganar com boatos, postos a correr, de aumentos de salários de mão beijada.

A força da classe operária unida é invencível!

PELA JORNADA de 8 horas no campo!

Os operários agrícolas fazem do horário de 8 horas de trabalho uma das suas reivindicações. Em alguns concelhos, como Grândola e Santiago do Cacém, os camponeses já têm conquistado a jornada das 8 horas. Ainda recentemente em Grândola 8 ranchos de homens, que limpavam e desmoltavam árvores, se recusaram a trabalhar de sol a sol, conseguindo as 8 horas. As mulheres estão dispostas a alinhar ao lado dos seus companheiros na luta pela conquista deste horário.

RÁDIO MOSCOVO

Transmite para Portugal todos os dias, das 22 horas às 22.30 pelas ondas de 25 e 31 metros e das 23 h. às 23.30 em 41 e 49 metros.

NOTA: As condições de audição melhoraram consideravelmente.

A UNIDADE DA CLASSE OPERÁRIA

(continuação)

mente, no descontentamento crescente que provoca a política de baixos salários, de exploração e de miséria seguida pelo Governo em relação com as classes trabalhadoras.

Pela unidade de todos os trabalhadores!

Na defesa dos seus interesses vitais, na luta constante por melhores salários e melhores condições de trabalho, os operários comunistas podem e devem estender fraternalmente a mão aos seus camaradas católicos, socialistas, anarquistas, bem assim como à grande massa dos operários sem posição ideológica definida. Mesmo aqueles operários honrados que se têm deixado influenciar por pressões e coacções do patronato e das autoridades ou fludir, com a demagogia do Governo e estão por esse mesmo facto ainda filiados na União Nacional ou na Legião Portuguesa, devem ser chamados à unidade de acção com os outros operários anti-salarzaristas. É a defesa de interesses comuns da classe operária que o exige.

A grande jornada internacional de luta da classe operária, que é o 1.º de Maio, deve ser comemorada este ano de forma a estreitar e unir mais a classe operária, deve decorrer sob a palavra de ordem do reforça-

mento e alargamento da unidade de acção de todos os operários e trabalhadores portugueses, na sua luta sagrada por melhores salários, contra o desemprego e por melhores condições de trabalho.

Nas empresas e oficinas, nas ruas e bairros, nas herdades e aldeias, os operários e camponeses mais avançados devem comemorar este ano o 1.º de Maio, reforçando e tornando mais sólida a sua unidade de acção com todos os outros operários, devem lutar com eles, ombro a ombro, por melhores salários e melhores condições de vida e de trabalho. Com esta unidade todos têm muito a ganhar.

Convertamos os Sindicatos em instrumentos de unidade da classe operária!

A unidade da classe operária forja-se lá onde estão concentrados os operários: nas fábricas, oficinas, Sindicatos, bairros e ruas. Os Sindicatos Nacionais contam com perto de 600.000 filiados — uns voluntários, outros obrigatórios — e devem ser uma arma da unidade de acção da classe operária na defesa dos seus interesses vitais e não da sua divisão, como quer o Governo.

O Governo e o patronato explorador pretendem fazer dos Sindicatos — e em certos casos têm-no conseguido inteiramente —

instrumentos de exploração e opressão dos trabalhadores portugueses. Cabe aos trabalhadores, lutando organizadamente dentro dos Sindicatos Nacionais, fazer dos Sindicatos instrumentos de defesa dos seus interesses e direitos. Que isto é possível, provam-no centenários e centenas de casos relatados nas colunas do «Avante!».

Os Sindicatos Nacionais podem e devem servir aos operários comunistas, socialistas, anarquistas e democratas para unirem a sua volta e encaminharem num bom sentido a grande massa dos operários e trabalhadores sindicalizados. Para isto é necessário, bem entendido, que a parte mais consciente e mais avançada da classe operária ingresse nos Sindicatos Nacionais e aí conduza uma acção persistente e hábil em defesa dos seus interesses de classe.

É preciso que a parte mais consciente e mais avançada da classe operária não tema aproximar-se dos dirigentes sindicais (embora ainda adeptos do Estado Novo) e não recete discutir com eles os problemas da classe, que chegue a pontos de vista comuns e que os opõe sempre que eles se mostrem firmemente dispostos a fazer qualquer coisa, por pouco que seja, em proveito da classe. Que isto é possível, provam-no casos bem recentes, em que os trabalhadores convertem certos dirigentes sindicais e tornam a peito a defesa dos seus interesses. A unidade de acção com os dirigentes sindicais sempre que favorecer os interesses imediatos da classe operária

serve também a causa da sua unidade.

A unidade dos operários e trabalhadores democráticos perante as próximas eleições

A unidade de acção das forças democráticas portuguesas precisa de ter a animação e a fortaleza da unidade de acção da classe operária. Por isso mesmo a classe operária tem um papel decisivo a representar ante as outras forças democráticas na formação, fortalecimento e luta pela unidade, primeiro de todas as forças democráticas e progressivas, depois de todas as correntes anti-salarzaristas. A unidade da classe operária é o mais sólido alicerce e a mais forte impulsão da unidade nacional anti-salarzarista.

A participação da classe operária na luta por um regime democrático em Portugal está ligada à obtenção por esta, além de certos direitos políticos, de liberdades fundamentais como o direito à greve e a liberdade sindical, bem assim como à obtenção duma melhoria substancial na assistência na doença e na velhice, à solução do angustioso problema de habitação para as classes menos abastadas e a outros problemas.

A actual situação política portuguesa exige muita compreensão e muitos esforços por parte dos elementos mais conscientes e mais avançados da classe operária portuguesa, no sentido de unir e organizar em amplas Comissões Promotoras do Voto e outras formas de organização que venham a desenvolver-se, todos os operários e trabalhadores democratas. O exemplo dado pelos operários e trabalhadores democratas de Almeida e Barreiro, recensando-se em manifestação pública bem como é possível unir a classe operária e a massa dos trabalhadores portugueses em volta do ideal democrático.

Todos os operários democratas devem procurar unir e organizar o maior número possível de trabalhadores em numerosas Comissões de Trabalhadores nas fábricas, nas oficinas, nos bairros e ruas. Serão estas numerosas Comissões de Trabalhadores o mais sólido alicerce e força impulsão da unidade de todas as forças e correntes anti-salarzaristas, num poderoso e único movimento. Será esse poderoso movimento das forças anti-salarzaristas a única força capaz de operar uma viragem pacífica na política portuguesa e de restituir ao nosso povo o gozo das liberdades democráticas fundamentais.

A unidade da classe operária serve os interesses de todos os trabalhadores e serve os superiores interesses da Nação.

QUANTIAS RECEBIDAS DE AMIGOS DO PARTIDO

Table with columns for names, amounts, and dates. Includes entries for Alex. Ava., G. Vidigal, Amigos, A. Mikoyan, A. Millito, Artes Belas, As mulheres, Avante na luta, Bento Gonçalves, Carpinteiro, Catarina, Eufémia (A), Idem, Certoza no, etc.